

«A GERAÇÃO DE UM “EU” NOVO»

**Notas de um diálogo com um grupo de alunos durante a Equipe do Clu,
os universitários de CL, sobre o tema “Por estes fatos saberão que eu sou o Senhor”
(Corvara, 30 de agosto de 2018)**

Julián Carrón. «Por estes fatos saberão que eu sou o Senhor» (cf. Ex 10,2). Era esse o título das férias. Mas, como dissemos, a condição para surpreender os fatos a partir dos quais podemos saber que Ele é o Senhor é uma afetividade, no sentido em que fala Dom Giussani, quando nos conta sobre aquele jovem que, andando pelo caminho que de uma aldeia de Val Gardena sobe ao monte Pana, continuava a olhar para o chão e a apanhar uma pedra aqui, uma pedra ali. Pouco depois, Giussani percebe: tratava-se de fósseis. Aquele homem era um cientista, completamente empenhado na descoberta dos fósseis e por isso percebia a presença deles. Ele não inventava os fósseis, os fósseis existiam, mas sem aquela tensão, aquele interesse, aquele tipo de curiosidade, Dom Giussani, apesar de ter feito esse caminho tantas vezes, nunca tinha sido capaz de vê-los. Só uma afetividade por uma verdade da realidade é que torna perspicaz o nosso olhar para as coisas. Agora, tendo em vista este momento, tínhamos preparado algumas perguntas como ordem do dia: ao vivermos este verão (as férias, os gestos, o Meeting de Rímìni, a peregrinação a Roma ao Papa, o tempo livre), aconteceram fatos que geraram em nós um maravilhamento que envolveu a totalidade do nosso eu, impelindo-nos a reconhecer Cristo, a pronunciar o seu nome? Quando nos surpreendemos reconhecendo-O? O que se revelou capaz de regenerar a nossa vida?

Matteo. *Depois de tudo o que aconteceu neste verão, posso dizer com mais certeza uma coisa: responder ao que o Movimento me propõe é conveniente para a minha vida porque, como você dizia agora, a regenera. Vou tentar dizer como, contando o que me aconteceu ao participar de dois gestos. Nas férias da comunidade alguns de nós propuseram que ouvíssemos Rachmaninov. Foi uma hora de música lindíssima, em que ficou marcada em mim uma coisa: o rosto da sua música era fruto da pertença à história do povo russo, tanto que quando emigrou para os Estados Unidos praticamente deixou de compor. Este ponto me fulminou; pensei logo: mas será que eu tenho um “povo russo”? O que me dá consistência? A resposta foi simples: o meu “povo russo” é a Igreja, que chega até mim através desta companhia. Quem eu seria se me desligasse deste laço? “Quem eu sou”, agora, passa por esta pertença. Foi uma sensação vertiginosa, como se dissesse: nesse encontro está apoiada toda a minha vida. Não digo isto como se dependesse de um fato associativo, de uma organização, ainda que bonita, em que uma pessoa tem os seus amigos e por isso está um pouco menos vazia do que as outras pessoas. Não, dei-me conta de que pertencendo a esta história eu pertencço a Cristo, ou seja, àquela Presença que continuo a encontrar na unidade com aqueles que creem n’Ele: concretamente eu sou de CL, é verdade, mas de uma forma muito mais profunda eu sou d’Ele. Percebi melhor isso em Roma, participando da vigília proposta pelo Papa. A forma de desenvolvimento do gesto podia ser mais próxima de uma ou de outra sensibilidade, mas quando o Papa pediu silêncio aconteceu a mesma estranha unidade que se viu nas férias, e surpreendeu-me novamente. Enquanto olhava para aqueles milhares de jovens à minha volta, pensava: «Todos eles se juntaram pela mesma razão que eu», e acrescentava: «Tu, Senhor, és muito mais do que o que eu penso de Ti, do esquema em que eu Te coloco, das formas e dos gestos que me correspondem, és mais». Naquele momento senti-me próximo de todos eles, não devido a uma afinidade de pensamento e de linguagem, mas devido a este ponto em comum: Cristo presente. Aquilo que me regenerou foi reconhecê-Lo, descobrir que da Sua presença depende toda a minha vida: Deus chegou até mim através de um sinal humano, porém foi Ele que me alcançou. Um pequeno sintoma de tudo o que foi dito foi este: comecei a estar bem em qualquer lugar, com qualquer pessoa, não num sentido banal; nos dias seguintes, notava que para estar em paz não era indispensável um determinado ambiente ou determinados rostos; começava os dias desejando que tudo fosse instrumento deste laço, da relação com Cristo. O mês de agosto foi muito bonito. A alternativa era*

simples: quando procurava não me importar com esta relação, vinham logo o medo, a incerteza, sobretudo em relação ao futuro; quando entrava nas circunstâncias procurando-O, descobria que a amizade com Ele, por si mesma, era capaz de preencher a vida.

Carrón. Qual é a diferença entre “pertença”, tal como você a está descrevendo, e “associação”? Muitas vezes podemos reduzir-nos a viver a nossa amizade como associação. O que cresceu em você? Só quando se vive uma superabundância, de fato, é que percebemos que falta alguma coisa. Qual é a diferença que você percebe na sua vida entre pertença e associação? Qual é o sinal disso?

Matteo. *O sinal é o que aconteceu depois, quando estava em casa com os meus pais e as minhas irmãs. E dei-me conta da diferença devido ao fato que a pertença me gera.*

Carrón. A pertença de que estamos falando gera um sujeito novo. Uma participação associativa não é capaz de fazer isso.

Matteo. *A consequência é que tudo começa a falar.*

Carrón. Que a realidade comece a falar significa que a pertença a Cristo volta a nos dar a vida, as relações, volta a dar-nos tudo, multiplicado infinitamente, «cem vezes mais». A pertença ao Movimento não faz aparecerem as montanhas, não faz aparecerem as relações, mas faz-me perceber as montanhas, faz-me perceber as relações de uma outra maneira: tudo estava ali também antes, mas não me falava, como os fósseis de Dom Giussani. Só quando uma pessoa pertence Àquele que a faz, quando a presença d’Ele entra na sua vida é que se dá conta até o fundo da realidade: aquilo que acontece começa a tornar-se de tal forma significativo que é como se fosse uma outra vida, uma vida “mais vida”. A partir desta experiência, uma pessoa é levada a dizer: «Mas então eu não pertença a CL como se pertencesse a uma associação; pertencendo a CL, eu pertença Àquele que regenera a minha vida desse modo, eu sou d’Ele». É muito bonito, porque é uma descoberta que vocês começam a fazer das entranhas da própria vivência. Eu poderia ter-lhe dado uma bela lição para dizer que você é d’Ele, mas não teria servido para fazê-lo chegar aonde você está agora, a partir de uma descoberta sua. Aquilo que me surpreende é que, respondendo ao que o Movimento lhe propõe, você vê surgir das entranhas da sua vivência, como descoberta sua, aquilo de que falamos. É a geração de um eu novo. A participação numa “associação” não é capaz de produzir no sujeito uma novidade que tenha reflexo em qualquer situação da vida. Muitos vão à montanha, e curtem isso, mas quando regressam à rotina cotidiana ou à família, ou às relações, estão sempre sonhando em voltar para a montanha, porque neles nada mudou. É esta, pelo contrário, a experiência de que falamos: pertencendo a um lugar histórico, concreto, é toda a vida que nos volta a ser dada, com uma força que surpreende, antes de mais nada, a nós mesmos.

Chiara. *Conto três fatos por ordem cronológica. O primeiro tem a ver com a preparação das férias. Trabalhando juntamente com os outros, me dei conta dizendo para mim mesma: «Desejo que as férias e tudo aquilo que vamos fazer seja um instrumento para que o nosso olhar seja educado a não se deter tanto na nossa bem conhecida miséria, e sim naquilo que Ele faz para me conquistar, como um apaixonado com a sua amada». Conto o fato em que vi delinear-se esse desejo que aos poucos foi me plasmando. Tinha sido um dia difícil, não tinha conseguido preparar-me para um jantar que íamos ter para decidir um gesto das férias (a apresentação de um livro), portanto sentia-me um pouco vazia. Escrevo à amiga a quem tinha pedido para se responsabilizar pelo gesto que não iria ao jantar porque não estava pronta. «Está bem», responde-me, acrescentando: «Obrigada por aquilo que você me pediu para fazer, porque é mesmo o de que preciso agora». A sua resposta me feriu: olhei para mim e me dei conta de que naquele momento eu não tinha a posição dela, mas desejava tê-la. Voltei logo a escrever-lhe: «Vou». Foi um momento em que eu não decidi com a medida que continuamente me aplico, mas em que venceu o desejo de beleza, de querer estar com ela. Dei-me conta de que cuidar desse incansável desejo de beleza, de relação, é a forma com a qual posso deixar-me encontrar por Ele e quero continuar a fazê-lo. No segundo fato que conto, vi acontecer para mim aquilo de que se falava também primeiro, ou seja, que eu, que sou gerada, aprendo a dar crédito ao meu coração. Estava nas férias da comunidade. Durante uma assembleia, entre as coisas que surgiam havia a diferença entre viver*

levando a sério o coração ou arrastados pela emoção. Aqui aconteceu uma coisa interessante comigo. Saímos para o passeio: fiquei a manhã toda tentando me maravilhar, mas nada me interpelava verdadeiramente. Chega o momento do almoço, era a ocasião em que poderia estar com os calouros, mas não tinha nada para dizer, sentia-me árida. Porém, na esteira do que tinha surgido na assembleia, eu disse: é o único momento em que posso vê-los, então vou. Fui e me apresentei: «Estou aqui para aprender com vocês aquele frescor que não tenho». Foi um momento fantástico, regenerador. Aquela circunstância me permitiu dar um passo: o meu «sim» já não está ligado aos momentos em que estou plena, entusiasmada; Cristo, através de muitas provocações, é capaz de fazer nascer a plenitude também da minha aridez, se eu as levar em consideração. Aquela frase, que muitas vezes me aborreceu, «não esperem um milagre, mas um caminho», está se tornando a coisa mais bonita que eu recebi, porque me impele a estar aberta à Sua companhia em cada instante, não só quando estou preparada. Tudo isso teve frutos também em casa, não porque eu seja capaz de manter esse padrão, mas porque me dou conta, cada vez mais, de quando Ele me escolhe. Prova disso é um pequeno e último fato. Estava regressando da montanha com o meu irmão (tínhamos estado nas férias das respectivas comunidades), estava cansada, estava dirigindo e pensava: «Agora, finalmente, posso desligar». Enquanto imaginava já esse repouso “reduzido”, ele sem o saber, me diz: «Chiara, nestes dias vamos nos ajudar a não perder tempo, vamos levantar com tempo e talvez rezar juntos as Laudes». Disse-lhe logo: «Sim, obrigada!». Para mim isso não foi banal. É como se tivesse estado diante do cientista dos fósseis. Em vez de dizer: «Ah, por que é que eu não reparei nos fósseis», disse: «Que bom que ele fez com que eu os visse».

Carrón. Devemos preservar aquilo que é dado a cada um de nós que intervém. Não é óbvio. Muitas vezes, dizia Chiara, nós nos detemos em nossa miséria ou na nossa medida. Quem nunca fez isso? Que levante a mão! Todos o fazemos. Dar-se conta de que, em vez de nos determos na nossa própria miséria, sobre aquilo que não corre bem, sobre aquilo que não se consegue fazer e nos deprime, é mais inteligente começar a olhar para «aquilo que Ele faz para me conquistar», quer dizer descobrir um outro método. Muitas vezes pensamos que melhoramos porque analisamos a nossa miséria e tentamos superá-la, tentamos mudar. Ela descobriu que o que lhe convém, pelo contrário, é deixar-se conquistar pela iniciativa de uma Presença, ainda que inicialmente, como aconteceu com o jantar, não gostaria de ir. Graças à conversa com a sua amiga, disse: «Vou». O que muda? Como ela disse, «venceu» a forma com que Cristo a chamava, através daquela circunstância. Nós não somos capazes de alcançar a plenitude, a mudança que desejamos. Todas as tentativas que fazemos são falíveis, só nos deprimem. Começamos a ver que existe uma outra forma, a de Jesus: «Vem comigo»; «quem me segue terá o cêntuplo». Como é que O seguimos? Trata-se apenas de responder à forma como ele nos chama. As coisas que estão surgindo, que podem parecer banais, são uma descoberta do outro mundo, contradizem e alteram em 180° a postura com que habitualmente vivemos e mudam a nossa vida. Por exemplo, dizia ela, uma pessoa ouve a palavra «maravilhamento» e imediatamente a traduz de forma moralista: «Tentava maravilhar-me, produzir eu mesma o maravilhamento». Resultado? Nada. Assim, depois medimos a nós mesmos: «Não fui capaz de me maravilhar». Mas o maravilhamento não somos nós que o conseguimos provocar! Então vai almoçar com os calouros, ainda que não tivesse vontade, estava árida, e se surpreende com o que lhe contam. Uma pessoa só renasce se responder à forma com que Cristo a chama. Tal como chamou a ela naquela manhã, assim chama a mim a ir visitar uma comunidade ou a estar com vocês neste momento. Podemos ser mais ou menos ativos, não devemos preocupar-nos com isso, nem podemos produzir em nós um certo ímpeto; mas, aqui ou na Escola de Comunidade, ou noutro lugar, mesmo debaixo de zero, posso sempre ir lá como um mendicante, com aquela afetividade de que falava Dom Giussani, para ver como Cristo me surpreende, me chama, com que instrumento e forma me regenera. Quanto tempo perdemos lamentando-nos da aridez, quando pelo contrário a questão é um Outro que entra na nossa vida de um modo impensável! Nós queremos controlar tudo: dizemos «Cristo», mas no fundo reduzimos Cristo, o que veio trazer-nos, a uma série de coisas a alcançar. E se confundimos o cristianismo com alguma coisa que simplesmente levanta a bandeira da ética, isso põe ainda mais em evidência que não estamos à altura. Assim acabaremos indo

embora; diremos: «É fantástico o cristianismo, mas eu não consigo vivê-lo, a minha incapacidade é profunda demais». Mas foi justamente Cristo quem disse: «Sem mim nada podeis fazer». Ouvir essa frase é uma libertação. É o contrário do que todos dizem: «Você se safa, você consegue com as suas forças dar-se tudo o que procura». Mas quem pode realmente pensar isto? Isso não quer dizer que a plenitude de vida seja impossível. Existe outra possibilidade, ao alcance de todos: uma presença que vem ao nosso encontro, um acontecimento que entra na vida e a muda. Por isso quando a descobrem, começam a usufruir da vida. A dificuldade é a redução do cristianismo ao que fazemos. Em vez de ser um acontecimento que, como contava Chiara, pode dar-se através do seu irmão, através dos calouros, num jantar para o qual tinha sido convidada e ao qual não tinha vontade de ir, torna-se um conjunto de regras. Nós colocamos Cristo fora da realidade. É como se disséssemos: «Foi-se embora, está no céu, depois da Ascensão foi-se embora e agora somos nós que temos de fazer tudo», que é o que pensa a esmagadora maioria dos cristãos: «Cristo foi-se embora, deixou-nos regras para seguir, temos de nos governar». Não, não foi embora, está presente, através da realidade humana de que decidiu se servir; e em vez de mudar-nos a cabeça com a teologia, faz acontecerem coisas através das quais podemos reconhecer a Sua presença e começar uma familiaridade com Ele. É um problema de afetividade, de pobreza de espírito, de abertura do coração, necessária para responder à modalidade imprevista com que Ele acontece na nossa vida, mesmo quando estamos na aridez mais profunda. A Ele o que é que importa? «Olhem que Eu, no deserto da aridez de vocês, posso começar a criar um caminho novo, não o veem?». Os profetas representaram a aridez com a imagem do deserto: «Sim, no deserto em que te encontras – diz Deus –, eu posso fazer germinar algo novo. Não o veem?». É um desafio à razão, ao olhar, à atenção, à afetividade, a tudo. Sublinhei essas coisas porque são descobertas enormes e seria um pecado que não nos déssemos conta delas: nem que seja apenas uma delas, pode mudar a vida mais do que mil pensamentos que nos venham à cabeça. Cristo não foi embora da história, deixando-nos sozinhos como cães, mas surpreende-nos continuamente na realidade, nas situações mais diferentes, não só quando estamos juntos, mas em qualquer lugar, ainda que não tenhamos as caras costumeiras ao nosso lado, e em qualquer lugar, torna-se ocasião de um bem.

Massimiliano. *Este ano, no pensionato onde vivo, encontrei um rapaz que estuda comigo na Universidade Católica. Tornamo-nos amigos e eu quis convidá-lo para as férias da comunidade. Ele aceitou: «Vou para observar o Movimento e para conhecer melhor quem você é». Uma resposta que me espantou: conhecemo-nos há um ano, jantamos juntos quase todas as semanas, porém para me conhecer bem ele sentiu necessidade de «observar o Movimento». Sendo as minhas quintas férias, já sabia tudo o que íamos fazer, mas a sua presença tornou tudo novo: tentei partilhar com ele toda a semana das férias, bem como algumas dificuldades dele. No último dia, na assembleia, ele interveio dizendo: «Depois de ter conhecido o Max, estava com muita curiosidade em vir aqui a Cervinia para ver como era o Movimento de vocês e para entender melhor a sua vontade de me conhecer, a sua curiosidade. Encontrei-a também em muitos outros aqui. Perguntei-me: de onde jorra essa curiosidade que vocês têm de conhecer o outro? Vejo muitas pessoas que, aderindo ao Movimento, se aproximaram da Igreja e se ligaram a uma instituição. Em que medida se pode cultivar a relação com Deus sem a intervenção da Igreja?». Do que ele disse, impressionou-me o percurso: encontrei pessoas curiosas por mim; todas essas pessoas pertencem ao Movimento; que origem tem essa curiosidade? Por fim, é mesmo necessária a Igreja? Estou pensando naquilo que você nos dizia ontem à noite: «Por que os habitantes da Palestina procuraram Jesus? Para acrescentar mais um peso?». Não, eles o procuravam por aquilo que aconteceu ao meu amigo: um encontro com rostos, todos pertencendo a um lugar concreto, por quem se sentiu olhado com uma curiosidade forte, a ponto de perguntar: de onde vem isso? Na minha vida vi que só Cristo desperta essa pergunta, só Ele desperta o eu de forma tão poderosa. Eu identifico também a resposta à pergunta sobre a Igreja no mesmo fato. Depois das férias, ele veio me encontrar. Pergunta-se por que pertencer à Igreja, mas nos fatos ele já se encontra dentro. «Como poderemos permanecer na Igreja de Deus?», dizia ontem. E respondia: aquilo que nos*

permitirá permanecer na Igreja de Deus é exatamente o mesmo fenômeno que nos atraiu para ela no início.

Carrón. *Belíssimo esse exemplo: é o encontro com uma humanidade curiosa, que se envolve com o outro a ponto de querer conhecê-lo, que provoca a surpresa, porque aquilo que deveria ser normal (que uma pessoa se interesse verdadeiramente pelo outro) não o é. Essa curiosidade, esse interesse pelo outro surpreendeu aquele jovem amigo a ponto que não pôde deixar de se perguntar: de onde nasce isso? Aqui vemos ainda em ação o que se dizia antes: a nossa pertença não é simplesmente a pertença a um clube, a uma associação, porque gera um eu que, quando entra em relação com o outro, desperta uma pergunta. Depois ele é que, vivendo, seguindo aquilo que encontrou, terá de reconhecer a resposta.*

Bernardo. *Conto três coisas que chamaram a minha atenção neste verão. A primeira aconteceu nas férias da comunidade. Uma jovem que estuda Filosofia convidou o seu namorado para participar dos primeiros dois dias das férias. Ele não frequenta a universidade, trabalha, e não pertence ao Movimento. Era a primeira vez que ia a férias como essa. Nos dois dias em que estive conosco participou de todos os gestos e depois teve de voltar para Milão. Só pôde ficar dois dias. Logo depois de ter regressado, numa mensagem para a sua namorada, escreveu: «Eu acho que nestes dois dias a nossa relação mudou». Depois acrescentou, com uma simplicidade desarmante: «Você sabe por quê?». Uma pergunta sincera e franca. Como que dizendo: «A relação entre mim e você, depois destes dias, é diferente. Como é possível? O que é que aconteceu para que nós, que estamos juntos há tanto tempo, tenhamos começado a nos tratar de forma diferente?». A pergunta foi consequência de um maravilhamento real, era expressão do ponto a que a sua razão, afetivamente empenhada com o que tinha à sua frente, tinha sido conduzida. A verdade da nossa experiência não está na nossa cabeça, mas repousa em alguma coisa que acontece e provoca uma interrogação real, em primeiro lugar em nós, e por isso continua a nos atrair. Outra coisa significativa aconteceu na Calábria, onde passei uma semana com alguns amigos da minha faculdade depois das férias da comunidade. Veio conosco também um rapaz do segundo ano, nascido numa família do Movimento, que no ensino médio tinha se afastado. Nestes dois anos de universidade, aos poucos, ligou-se a alguns de nós, até decidir ir às férias. Na assembleia, interveio e contou que se sentia transformado por esta amizade. Com efeito, tinha uma cara diferente, estava alegre. Na Calábria, durante os almoços e jantares, acontecia surgirem discussões sobre temas quentes e ele, o último a chegar, tinha a posição mais correspondente com a minha. Entusiasmo do início? Euforia de um convertido? Não creio. Para mim, ele opinava tendo um acontecimento nos olhos. Uma posição diferente das outras só pode surgir em relação a alguma coisa que a pessoa está vivendo. A terceira coisa foi no dia 11 de agosto em Roma com o Papa. O primeiro dado é o contentamento com que voltei para casa. O que é que me aconteceu naquelas vinte e quatro horas? Seguramente que as palavras do Papa foram preciosas, mas o que me marcou veio ainda antes disso, está ligado à nossa própria ida a Roma para ouvir o Papa: o despertar às cinco, a viagem no fim de semana com o trânsito mais congestionado das férias, o regresso para casa à noite. Mas naquele dia vinha à tona a verdade da nossa companhia: estamos juntos para seguir algo além de nós. Esta substância da nossa amizade exprime-se através do que estava acontecendo: pessoas muito diferentes – pela faculdade, hábitos, amigos – juntas, em viagem, só para ouvir uma pessoa. Fiz uma descoberta de método: a minha plenitude passa pelo sim a uma Pessoa que me dirige um convite, e para segui-La é suficiente envolver-se numa companhia que o aceita tal como você é, feita de pessoas que não estariam juntas se não fosse pelo destino que nos aproxima. O método é aquele «ir pescar com Jesus», de que você nos falou e que me parece ser tão decisivo. Como é que se verifica a validade desse método para mim? Pela correspondência com o meu coração, pela plenitude com a qual voltei para casa. O «ir pescar com Ele» é o que hoje mais me ajuda a viver, e essa posição está se introduzindo na minha luta de todos os dias. Os dias são marcados muitas vezes pelo cansaço; certas questões, com efeito, com o tempo tornaram-se mais pungentes e obrigam-me a tomar posição. Ainda assim, tenho de reconhecer que*

precisamente estes momentos difíceis, em que me dou conta de não ter tudo sob controle, me permitem perguntar-me de uma forma mais radical do que é que eu preciso para viver. Estes momentos de dificuldade fazem-me perceber, com efeito, que muitas vezes eu “sei tudo”: por palavras, o acontecimento é conhecido, analisado e premeditado; só há um problema: com todas estas coisas que eu sei, o máximo que arrisco fazer é adiar a plenitude, impondo-lhe condições: «Se acontecesse isto, então sim», para depois a adiar cada vez mais. Porém, deste modo continua a fugir-me o presente. É nos momentos mais duros que me dou conta do quanto as minhas análises não são suficientes: posso passar dias inteiros prescrevendo o que seria necessário fazer para não me afogar, mas isto não me liberta. Percebo que aquilo de que eu mais preciso começa precisamente quando terminam as minhas análises, ou seja, quando acontece alguma coisa fora de mim. Estou grato porque há sempre alguém que volta a me convidar para “ir pescar”.

Carrón. É impressionante que uma fórmula tão simples possa ser tão determinante, porque – vejam – a alternativa é muito clara: é a alternativa entre Jesus e os fariseus. Se em vez de irem pescar com Ele os discípulos tivessem ido encontrar os fariseus, o que teriam recebido deles? Regras! É nisso que voltamos a cair, mal nos afastamos de «ir pescar com Ele». É a luta entre dois cenários: ou o cristianismo é algo que eu construo, com as minhas análises e com as minhas tentativas, ou é uma realidade que vem ao meu encontro. A fórmula «ir pescar com Ele» propõe uma alternativa radical a qualquer tentativa de produzir o cristianismo com a nossa própria coerência e com as nossas próprias tentativas. É um drama, um desafio que nos diz respeito, ainda que todos saibamos que o cristianismo é um acontecimento e o repetimos a toda hora. Ele diz: «Eu sou tudo». É verdade, se se fizesse um teste, estou convencido de que a esmagadora maioria diria que o cristianismo é um «acontecimento». Sabemos disso. E, no entanto, ele diz: «Mas depois eu iria sempre adiar a plenitude: “Se acontecesse isto”, “se acontecesse aquilo” e assim o presente iria escapar de mim». Jesus oferece-nos um método diferente e muito mais simples, um método que só os simples, porém, reconhecem; como o amigo que voltou a se aproximar do Movimento depois de anos, ou o namorado a quem bastaram dois dias para experimentar a mudança no relacionamento com a sua namorada e perguntar-se o porquê. É impressionante! Se alguém criasse uma instituição para ensinar como é que a relação entre um rapaz e uma moça pode tornar-se verdadeiramente plena (“cem vezes mais”), haveria fila: quem não o deseja? Mas nenhuma instituição do mundo pode gerar isso. Aqui, porém, estão dizendo coisas de outro mundo: que alguém, que não participa da vida do Movimento, que vai por acaso às férias de uma comunidade, porque a namorada o convida, em dois dias não pode deixar de reconhecer que a relação mudou! Esse é o verdadeiro desafio ao niilismo. Abre-se a luta: entre a nossa tentativa, a nossa vontade de nos deixarmos levar, a nossa fragilidade, a nossa concessão ao niilismo («Não é possível»), e o embate com fatos que desafiam tudo isso. Depois de ter ouvido essas coisas, cada um tem de decidir, é obrigado a decidir – não decidir já é uma decisão. Aquele rapaz foi lá por acaso, mas depois encontrou uma novidade impensada, deparou-se com uma realidade humana que o provocou a colocar-se uma questão. Reparem que deparou-se com vocês, que muitas vezes competem para ver o próprio limite, para sublinhar toda a miséria que são: ele faz vocês perceberem o que trazem consigo (o que trazemos conosco). Talvez estamos deixando escapar alguma coisa! Como veem, não é que aquela realidade humana que se chama Igreja, para se tornar interessante, tenha de ser feita por pessoas sem limites: todos temos limites, mas não é esse o ponto, porque as coisas que aquele rapaz descreveu aconteceram conosco. Por aqui se vê, de forma evidente, que o testemunho que nós damos de Cristo não se reduz apenas à nossa coerência ética ou ao nosso bom exemplo; ele passa através de todos os limites que temos: algo de novo entrou na nossa vida; nós continuamos a viver na carne, ou seja, erramos como antes, mas já não podemos tirar de nós aquela novidade que penetrou em nossas fibras; erramos como antes, mas há alguma coisa que, entrando na nossa vida, gerou nela essa novidade inconfundível. O sinal, como disse o Bernardo em relação ao outro amigo, é que uma pessoa olha para tudo «com um acontecimento no olhar», ou regressa para casa, como contou sobre si, contente por ter ido a Roma ouvir o Papa num fim de semana com o trânsito mais intenso do ano. E deu-nos a razão disso. Por que é válido o método que Jesus nos oferece? Vê-se pela

correspondência com o coração. Jesus não se refere inicialmente ao fato de que é Deus, mas unicamente à experiência do cêntuplo, ou seja, à experiência da correspondência. «Sigam-me, porque se me seguirem, poderão experimentar a vida cem vezes mais», como aconteceu aos dois namorados. Jesus não faz chantagem conosco de nenhum modo. Dá-nos a razão: o cêntuplo. Com efeito, quando acontece o cêntuplo, uma pessoa pergunta-se o porquê, como foi dito. Não devemos afastar-nos porque a Igreja tem limites: nós a seguimos porque nela acontece alguma coisa que é mais do que os limites que todos temos.

Paolo. *Faço questão de contar duas coisas das quais saí como novo, graças às quais ficou claro para mim que o método do «ir pescar com o Senhor» é o único que pode verdadeiramente me mudar. A primeira foi no fim de junho. Fui, juntamente com outros, a Chieti para participar de um encontro da comunidade de lá. De repente, acontece o imprevisto: cinco pessoas que não têm nada a ver com CL vêm à Escola de Comunidade. Mas como é que foram parar ali? Há um antes. Quatro das cinco eram estudantes que tinham participado de um curso com um professor do Movimento. No final do curso, tinha surgido entre eles o desejo de aprofundar, junto com o professor, as coisas que tinham surgido. Daí saiu uma proposta: um convívio de estudo de alguns dias. Participam dois terços dos alunos, nove ao todo (trata-se de números pequenos). Quatro deles apresentam-se na Escola de Comunidade. Começa o encontro: oração, cantos, ordem do dia. Os recém-chegados olham à sua volta com um olhar interrogador. A pessoa que conduz a Escola de Comunidade percebe e dirige-se a eles: «Posso fazer-lhes uma pergunta? Por que estão aqui? Quer dizer, o que é que encontraram de especial, o que é que os atraiu no professor do curso que fizeram, a ponto de os levar a participar do convívio de estudo e a estar aqui hoje?». Nasce daí um diálogo apaixonante, premente: «Ele ensina de uma forma diferente»; «tem uma forma diferente de se relacionar conosco»; «ao encontrá-lo, ficamos mais próximos entre nós». Com os quatro alunos estava também um outro rapaz, namorado de uma delas. Também ele quer responder, ainda que não frequente a universidade, pois trabalha; portanto, não foi ao convívio de estudo e encontra-se na Escola de Comunidade apenas porque a sua namorada está ali: «Estou aqui porque vi o efeito que teve na minha namorada encontrar aquele professor e participar do convívio de estudo: não voltou simplesmente diferente ou mudada, mas nova». O diálogo torna-se aceso. «De onde vem essa forma diferente de viver que provocou essa atração?». «Na minha opinião, na base está uma escolha de vida». «Sim», observa uma outra, «mas ainda que por detrás esteja uma escolha de vida, permanece a pergunta: de onde vem essa escolha de vida? E sobretudo, o que é que a alimenta todos os dias? Porque não basta uma moral kantiana para motivar aquela escolha, nem para sustentá-la todos os dias». Replica um terceiro: «Na verdade, eu ainda não entendi, quero entender e por isso estou aqui ». Pronto, era este o fato. Eu estava ali vendo isso acontecer e as perguntas surgiam-me naturalmente: mas o que é que está acontecendo com estes jovens? Não será talvez o que aconteceu comigo? Não será isso o cristianismo? Pessoas atraídas por alguém, por uma presença! E não desejo também eu, agora, compreender quem faz tudo isso, exatamente como tentava entender no início? Na brincadeira, perguntei-me outra vez, diante daquilo que via: «Mas quem és tu?». Este fato varreu o que eu pensava já saber, ou seja, como é que Cristo me alcança. Simplesmente cedi-Lhe, respondi à Sua iniciativa, ao que estava acontecendo, e me surpreendi dizendo: «És tu, Senhor». Na volta para Milão, no carro, continuava a ter aquilo no olhar e também entre nós não havia nada a acrescentar, mas um silêncio pleno. Fui dormir “desejando acordar”, como diz a canção. No dia seguinte, devia estar morto de cansaço, incapaz de estudar, por causa dos horários do dia anterior; mas ao contrário, na manhã seguinte tudo partiu do que havia acontecido e encarei a vida de forma diferente, não porque as circunstâncias tivessem mudado, mas porque eu também era novo: tinha sido gerado! A segunda coisa aconteceu nas férias da comunidade. Encontro-me retomando o texto da Escola de Comunidade com alguns calouros e uma delas faz uma intervenção muito simples, falando daqueles primeiros dias passados juntos: «Estou feliz, sinto que me querem bem e percebo que não estou fazendo nenhum esforço, estou apenas seguindo o que me é proposto, algo que existe». Ouvindo-a, poderia ter dito: «Já ouvi essa*

história». Em vez disso, dei um salto na cadeira, invejei-a, porque também eu desejo a mesma simplicidade de coração, a mesma pobreza de espírito, a mesma afetividade, e comecei a pedi-la, a mendigá-la. E perguntei-me: «Mas eu acredito que na minha vida há Alguém que me muda, há Alguém que me faz feliz, e não algo que eu penso, alguma impressão minha, ou algum acontecimento particular?». Descobri que é Ele, o Senhor, que, acontecendo, me convence de que é «tudo em tudo» (cf. Ef 1,23): não sou eu que devo convencer-me de que é assim. Com menos do que isso, já não consigo viver. A Sua presença torna-se cada vez mais familiar na minha vida, não porque eu saiba cada vez mais sobre ela, mas porque Ele me toma cada vez mais com a Sua iniciativa e me convence cada vez mais de que Ele é o Senhor, que é tudo, que só Ele me pode dar uma plenitude, o cêntuplo agora.

Carrón. Responder à iniciativa de um outro faz com que a namorada fique nova; isto surpreende tanto o namorado que ele a segue e acaba indo à Escola de Comunidade. É como se voltassem a acontecer os primeiros encontros do Evangelho: Jesus encontra João e André e dali começa tudo, os encontros sucedem-se um após o outro: Pedro, Felipe, Natanael... Não é uma coisa do passado, é o mesmo fenômeno que acontece agora. Assim, Paulo na manhã seguinte «era novo», «partia do acontecimento». Quantas coisas vivemos que não deixam marcas! Pelo contrário, que tipo de mudança terá visto o namorado na sua namorada para dizer: «Estava nova»? Ele não tinha participado de nada, mas tinha visto o efeito que aqueles dias tinham provocado nela: tinham-na gerado. Tinha sido como que concebida de novo, plasmada, era uma criatura nova, devido a um encontro, mergulhada num convívio de estudo. Ou nós eliminamos essas coisas, ou somos desafiados a ir à sua origem. «Mas o que é que os atraiu naquela pessoa que os convidou?». Não apenas «uma escolha de vida». Mas, ainda que fosse, «o que é que alimenta aquela escolha de vida que nenhuma moral kantiana consegue gerar?». «Estou aqui para entender». Como dizia o monge medieval: «A nós aconteceu uma coisa tão grande, que levaríamos toda a vida para entender o que nos aconteceu». É o mesmo, tal e qual. Encontramo-nos, por isso, diante da mesma alternativa: ou o esforço ou o seguimento; ou a presunção ou a pobreza de espírito, de que falava São Paulo. Perguntava-se depois: «Mas eu acredito que é Alguém que me muda?». Esse é o desafio da fé. «Quando Cristo voltar, encontrará ainda fé sobre a Terra» (cf. Lc 18,8)? Não pessoas que falem de Cristo, do cristianismo, dos efeitos que o cristianismo produziu, das obras de arte de que a nossa cultura está cheia. Não, a pergunta que Paulo se faz é a mesma que fazia Jesus: «Mas quando o Filho do homem voltar, encontrará ainda alguém que tenha fé, que reconheça que há Alguém, na história, que o muda?». Não pergunta se encontrará alguém bom, porque somos todos uns pobres coitados, mas alguém que ainda acreditará, que reconhecerá a Sua presença. Que contribuição nos deu Paulo? Disse: é o re-acontecimento de Cristo que nos demonstra que Ele é «tudo em todos», por isso «a Sua presença toma-me cada vez mais». É a única possibilidade que temos de permanecer na Igreja de Deus. Não estamos aqui por acaso. Se aquilo que foi descrito não acontecesse a cada um de nós, não teria durado com o tempo. Então, antes de olhar para todas as falhas que temos, toda a estupidez que fazemos, perguntemo-nos: «Mas o que é que me aconteceu para que eu esteja aqui?». Dar-se conta daquilo que te aconteceu começará a gerar uma afeição por você mesmo, um olhar cheio de ternura por você mesmo, precisamente graças à estima que Cristo tem por você. Todos os erros que cometemos não nos impedem de estar aqui. Quem é que se levantou esta manhã pulando de alegria por isso? E quem é que, pelo contrário, se levantou lamentando-se pelo que lhe falta, por tudo o que ainda não funciona? Paulo levantou-se, na manhã seguinte, determinado pelo acontecimento que tinha acontecido com ele. Como se terão levantado João e André no dia seguinte ao encontro que tiveram com Jesus? Como é que vocês se levantam no dia seguinte a terem estado com a namorada ou o namorado? São uns pobrezinhos como antes, mas o que prevalece é a sua presença. O Mistério, para nos fazer desviar o olhar da nossa miséria, dos nossos erros, do nosso kantismo, volta a acontecer na nossa vida. Como no início, com João e André. Eram todos determinados pela mentalidade farisaica daquele tempo, mas Jesus não se deteve nisso e não se lamentou da maldade dos tempos, diz Péguy, cortou reto, fez o cristianismo (C. Péguy, *Lui è qui,*

BUR, Milão 2009, p. 110): fez-se encontro para queles dois, tal como neste tempo tão complexo se faz encontro para nós.

Samuele. *Muitas vezes, neste verão, relendo os Exercícios, me perguntei em que posição estaria, na alternativa entre ideologia e acontecimento. Olhava-me e dizia: estou bastante sereno, com muitas descobertas feitas, com alguns problemas, com feridas, mas tudo somado, estou bem, não tenho nenhum drama que não me deixe dormir à noite. Além disso, o verão já não foi, como noutros anos, o momento da dúvida, no qual, ficando mais sozinho, começava a ter pensamentos e entrava em tilt. Este ano percebi, surpreso, que pouco a pouco os pensamentos já não prevalecem sobre a experiência.*

Carrón. «Os pensamentos já não prevalecem sobre a experiência». A realidade é maior do que a ideia, diz o Papa. A experiência é mais poderosa do que os pensamentos. A única coisa que nos liberta dos nossos pensamentos é um acontecimento, qualquer coisa mais real do que os nossos pensamentos.

Samuele. *Isto aconteceu graças a várias coisas este ano, mas sobretudo graças à responsabilidade, não tanto como coisas a fazer, quanto como possibilidade de estar em contato com um nível de vida, um uso da razão, uma inteligência da realidade, que vejo explodir em você, mas também em muitos jovens.*

Carrón. Espero que, para todos a quem é pedida, a responsabilidade seja esta: não o acréscimo de um peso a mais, mas a oportunidade de ver o que Cristo faz. Vamos visitar os amigos de outras comunidades, vamos à Escola de Comunidade, participamos de um gesto, só para vê-Lo em ação. Por que é que vale a pena vir aqui? Onde é que, em todo o mundo, está acontecendo uma coisa como esta que estamos ouvindo esta manhã? Onde? Se encontrarem outro lugar mais interessante vão lá! Depois me contem.

Samuele. *Pouco a pouco, quase por osmose, para usar um termo conhecido, tudo isto está tornando o meu dia-a-dia, entre batalhas e conversas diárias, ano após ano, não sem dificuldades e quedas, porque é muito atraente, e ao mesmo tempo me muda, quase sem mim, sem que eu me dê conta, mas na realidade comigo, através da minha liberdade, levantando a chama do meu desejo e do meu olhar sobre as coisas cotidianas. Percebi que só preciso de uma coisa para viver: a Sua presença real, Cristo que acontece no presente através de fatos tangíveis. Cristo que acontece restitui aquilo que sozinhos não conseguimos nos dar, a plenitude e ao mesmo tempo o desejo d'Ele, aquela ferida sem a qual nada fala, tudo se cala. Viver com a Sua presença em nós, na carne, é mesmo outra vida.*

Carrón. Vamos encerrar aqui. Mas volto a lançar-lhes uma pergunta: o que aprenderam de novo esta manhã? Porque aqui não nos limitamos a contar fatos. Deixo vocês com esta pergunta e fico de tocaia, para ver se estivemos atentos para entender o que o Mistério nos deu através dos que entrevistaram.